

Artigo

A busca de si-mesmo e da identidade nas transformações corporais

Leopoldo Fulgencio; Lygia Vampré Humberg

Resumo. Este artigo procura analisar os principais acontecimentos e conquistas do processo de constituição da identidade no quadro da teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott. Trata-se, em termos de caminho, ou método, de uma proposta de teoria psicanalítica aplicada à compreensão de fenômenos comportamentais de domínio público. Para analisarmos esse processo, apoiamos-nos na análise do sentido dado ao uso de tatuagens e de outras transformações corporais, nos casos em que estas implicam modificações que não seriam apenas adornos da pessoa, mas têm maior amplitude e podem estar a serviço de uma *busca* pela própria identidade. Consideramos que a identidade, ou sentimento de si mesmo identitário, está associada ao seguinte conjunto de experiências: a de *ser*, sem predicado; a de *ser-com*, associada aos fenômenos transicionais; a de *ser-diferente-de*, possível ao conquistar-se o status do *eu sou*; e a de *ser-predicável*, quando o indivíduo chegou à integração como uma *pessoa inteira*.

Palavras-chave: identidade; *self*; corpo; desenvolvimento; ser.

La búsqueda del yo y de la identidad en las transformaciones corporales

Resumen: Este artículo busca analizar los principales acontecimientos y logros del proceso de constitución de la identidad en el marco de la teoría del desarrollo emocional de Winnicott. Es, en términos de camino o método, una propuesta de la teoría psicoanalítica aplicada a la comprensión de los fenómenos conductuales en el dominio público. Para analizar este proceso, nos apoyamos en el análisis del significado que se le da al uso de tatuajes y otras transformaciones corporales en los casos en que implican cambios que no serían solo adornos de la persona, sino que tienen mayor amplitud y pueden estar al servicio de una búsqueda de la propia identidad. Consideramos que la identidad, o un sentido de identidad, se asocia con el siguiente conjunto de experiencias: la del ser, sin predicado; la del ser-con, asociada a fenómenos transicionales; la del ser-diferente-de, posible conquistando el estatus del Yo Soy; y el de ser predecible, cuando el individuo llega a la integración como persona total.

Palabras clave: identidad; *self*; cuerpo; desarrollo; ser-estar.

* Professor do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: lfulgencio@usp.br

** Doutora pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Membro do Departamento de Psicanálise da Criança e do Grupo Espaço Potencial. Professora do Instituto Sedes Sapientiae e do Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: lygiahumberg@gmail.com

The search for self and identity in bodily transformations

Abstract: The purpose of this article is to analyze the main events and accomplishments of the identity constitution process according to Winnicott's experience of the emotional development. It is, in terms of path, or method, a proposal of psychoanalytic theory applied to the understanding of behavioral phenomena in the public domain. To study this process, our analysis is based on the meaning given to the use of tattoos and other physical changes in cases involving modifications that are not merely adornments, they are more meaningful and part of the individual's search of his own identity. We consider that identity, or a sense of identity, is associated with the following set of experiences: *Am-ness*, without predicate; *Am-with*, related to the transitional phenomena; *I-Am-Diferent-From*, when it is possible to accomplish the *I AM status*, differentiating oneself from the world; and *I-Am-Predicable*, when the individual reaches integration as a *Whole Person*, when it is possible to ask about the identity question: *I am x* (*x* is a predicate of the I).

Keywords: identity; *self*; body; development; being.

La recherche de soi et de l'identité à travers les transformations corporelles

Résumé. Cet article vise à analyser les principaux événements et réalisations du processus de constitution de l'identité dans le cadre de la théorie du développement émotionnel de Winnicott. Pour analyser ce processus, nous nous sommes basés sur l'analyse du sens donné à l'utilisation des tatouages et autres transformations corporelles dans les cas où ceux-ci impliquent des modifications qui ne seraient pas seulement des ornements de la personne, mais ont une plus grande amplitude et peuvent être à au service d'une recherche de l'identité personnelle. En analysant ce processus, nous commentons l'ensemble d'expériences suivantes: celle d'être, sans prédicat (*suis*); celui de l'être-avec (*suis-avec*), associé aux phénomènes transitionnels; celle d'être-différent-de (*je-suis-different-de*), possible en accédant au statut (intégration) du "Je" (Je Suis), se différenciant ainsi du monde; et *je-suis-prédicable*, lorsque l'individu atteint une intégration en tant que personne entière, et où la question de l'identité peut être posée en termes de l'énoncé *Je suis x* (*x* est un prédicat du Je).

Mots-clés: identité; soi; corps; développement; être.

Há muitas formas pelas quais um indivíduo intervém sobre seu corpo para transformá-lo ou adorná-lo: maquiagens, brincos, tatuagens, piercings, cirurgias plásticas e até mesmo as cirurgias para redesignação de gênero. Não obstante a possibilidade de reconhecimento dessas práticas como um cuidado consigo mesmo, há algumas transformações que, de uma forma mais evidente, colocam em questão o problema da predicação de si mesmo ("*eu sou x*"), o que também poderia ser enunciado como um problema de *identidade*.

A construção da identidade como uma unidade harmônica e sistemática do sujeito psicológico é uma proposta e um problema para a psicologia, em suas mais diversas vertentes. No que se refere à psicanálise, temos uma psicologia que considera que aquilo que chamamos *sujeito psicológico* corresponde, na verdade, a uma resultante de diversos processos (por vezes, também sistemas) psíquicos em relação de determinação recíproca, que resultam numa unidade, mas que não têm uma homogeneidade. É nesse sentido que o tema da identidade não tem sido objeto da psicanálise, dado que, como já comentou Bourdin, "o pensamento freudiano desconstruiu a unidade da personalidade geralmente implícita na noção de identidade" (2019, p. 351). Ainda assim, os fenômenos de construção da integração ou organização do sujeito psicológico são objeto da psicanálise, podendo, em termos fenomenológicos, ser referidos à noção de *identidade* mesmo que esta não seja uma noção freudiana (cf. comentário de Oppenheimer, 2002) sobre o noção de identidade na história da psicanálise). Cabe, ainda, ressaltar que a *Revue Française de Psychanalyse*, reconhecendo a importância do conjunto de

fenômenos envolvidos no tema da identidade ou da construção da identidade, dedicou dois números a esse problema: o primeiro, em 1999 (Vol. 63, n. 4); e o segundo, em 2019 (Vol. 83, n. 2).

Neste artigo, delimitaremos o tema, analisando o fenômeno ou processo que leva um indivíduo a poder apreender a si mesmo e ao outro (o mundo) como dois (o que também poderia ser caracterizado como o processo de subjetivação). Mais ainda, é o processo que torna possível ao indivíduo predicar a si mesmo, afirmando, por exemplo: “eu sou mulher, mas tenho um corpo biológico de homem”, do ponto de vista da teoria do desenvolvimento emocional descrita por Donald Winnicott.

Pode-se perguntar qual é o caminho, ou método, utilizado para se abordar esse problema. Nós tomamos como ponto de partida a compreensão da teoria do desenvolvimento emocional, tal como Winnicott a apreende, tendo a sua ontologia centrada na noção de ser e, no processo de desenvolvimento, a diferenciação dos diversos modos de experienciar ser ou experienciar o *self*; também tomamos um conjunto de comportamentos de pessoas que realizaram transformações corporais significativas, associadas por elas mesmas à questão da busca de si mesmos (além de referirem-se a outros objetivos), material que é de domínio público, como material empírico a ser interpretado ou analisado do ponto de vista da teoria, com um determinado objetivo (o de analisar a associação entre as experiências de ser e o processo de procura pelo sentimento de ser “si-mesmo”, ou sentimento identitário; e, ao final, explicitando tais correspondências, associando as experiências de ser a situações ou dinâmicas transferenciais que ocorrem ou podem ocorrer num tratamento psicoterápico psicanalítico, podendo estar atreladas ou não, especificamente, aos problemas ou perguntas que se referem à identidade ou sentimento identitário (“*eu sou x*”, sendo *x* um predicado do eu).

No que se refere às alterações corporais voluntárias, talvez seja possível, *grosso modo*, distinguir entre as situações nas quais essas transformações corporais correspondem a *adereços* e as que colocam em jogo a questão da *busca* de si mesmo, busca de uma identificação entre o sentimento de si (*self*) e o sentimento/percepção do corpo que se tem (*apercepção*). Talvez o uso de um critério fenomenológico muito simples possa ajudar a distinguir, ainda que parcialmente, uma situação da outra, a saber: quando as transformações procuradas ou produzidas tomam o primeiro plano, sobrepondo-se e tomando o lugar da pessoa, temos um problema de busca por outro si mesmo (mais de acordo com o que o indivíduo sente sendo ele mesmo). Tomando justamente esses casos nos quais a busca de si mesmo levou a modificações mais visíveis, propomos analisar a questão do processo de constituição e procura de si mesmo, apoiando-nos na compreensão que Winnicott tem desse processo, bem como na análise do que estaria ocorrendo nesses casos em que o *self* é procurado via *a* ou *na* transformação do próprio corpo.

A busca de si mesmo via intervenção e transformação corporal aparece de diversas maneiras. No filme *Crash* (1996), de David Cronenberg, por exemplo, os personagens reproduzem acidentes de automóvel, sofrendo eles mesmos as consequências desses acidentes. Um dos protagonistas enuncia qual é o projeto “no qual estamos todos profundamente envolvidos [...] o nosso objetivo é refazer o corpo humano pela alta tecnologia!”. Ainda que, no filme de Cronenberg, seja ressaltado um aspecto destrutivo dessa busca, o que pretendemos salientar é muito mais o processo (a busca objetiva) de refazer o corpo humano com a tecnologia, sem que isso esteja necessariamente associado a impulsos destrutivos. A tecnologia para *refazer o corpo humano* parece cada vez mais possível e disponível – com o avanço da eficiência de cirurgias plásticas, implantes estéticos ou biônico-funcionais, aplicação de tatuagens e piercings, manipulação genética etc. –, de uma maneira que reformula de maneira mais ou menos radical a configuração dos corpos, tornando possível a realização dos desejos e das fantasias de metamorfose.

Retomamos alguns exemplos nessa direção, para termos em mente que tipo de fenômeno estamos analisando. Podemos ver, numa breve consulta no Google Imagens, o nome de pessoas que fizeram

intervenções significativas em seus corpos: Erik Sprague, o “Homem-Lagarto”, que tatuou aproximadamente 70% do seu corpo com escamas na cor verde, além de fazer implantes nas sobrancelhas e uma cirurgia para bipartir a língua (como a língua de répteis), tendo estampada, numa camiseta, por ocasião de uma de suas entrevistas, o slogan “PAIN makes you beautiful” (Sprague, 2012); Rick Genest, o “Garoto-Zumbi”, já falecido, que, num processo longo e insistente, fez uma série de tatuagens que acabaram por dar a ele a aparência de um morto-vivo, declarou: “você não pode arrancar alguém da sua personalidade [...]. Há um monte de pessoas que conheço e que não entendo, mas não há realmente nada para entender. Eu sou realista, sensato e inteligente” (Genest, 2012); Dennis Avner, o “Homem-Tigre”, também já falecido, que mudou seu rosto, fez implante de bigodes, mudou seus lábios, dentre outras transformações similares, procurando se aproximar ao máximo da aparência de um tigre, descrevia um dos aspectos de seu modo de viver: “Eu como carne todos os dias, assim como um tigre faria. Deve ser o mais próximo possível do cru, ou na temperatura de um animal que tivesse acabado de ser morto. [...] ser um Tigre é mais importante para mim do que a humanidade” (Avner, 2008); Lucky Diamond Rich, um dos homens mais tatuados do mundo, que tem o corpo coberto com tinta preta e desenhos brancos por cima, dentes cobertos de prata, lóbulos das orelhas esticados e vários piercings, ao ser entrevistado, mostra-se muito agradável, inteligente e gentil, o que destoa fortemente de sua aparência, e afirma sobre si mesmo: “sempre fui uma pessoa do povo. As pessoas pensam que sou o oposto, mas isto as restringe” (Rich, 2007); Tom Leppard, o “Homem-Leopardo”, outro já falecido, que cobriu seu corpo, da cabeça aos pés, com manchas como as de um leopardo, acabou por estabelecer-se sozinho numa cabana, sem eletricidade ou esgoto – ainda que fosse à cidade a cada duas semanas, para pegar suprimentos –, dizia:

Para mim, é normal. Tudo o que eu realmente estou fazendo é acampando de modo permanente, uma coisa que eu costumava fazer somente nos fins de semana e nas minhas férias, ao passo que agora eu posso fazer isso o tempo todo. Eu nunca estou sozinho se estou comigo mesmo. Se eu estou em uma grande cidade cercado por pessoas é aí que me sinto sozinho. (Leppard, 2006)

Maria José Cristerna, a “Mulher-Vampiro”, que, além das tatuagens, fez diversos implantes (dentre eles, implantes dentários, para criar presas como as de um vampiro), num processo de transformação que ela ainda considera inacabado, disse sobre si mesma:

Os chifres que eu tenho são um símbolo de força e foram implantados sem anestesia. Já as presas, coloquei porque amava vampiros quando era criança. A cor dos meus olhos só mudei para que realmente ficassem como queria que eles fossem [...]. Tatuagem foi a minha maneira de me tornar imortal, de realmente ser um vampiro e não morrer, deixando meu trabalho [ela também é tatuadora] na pele de outras pessoas. (Cristerna, 2011)

Lili Elbe, nascido Einar Wegener, ficou conhecida por ser a primeira pessoa a submeter-se a uma cirurgia genital para redesignação de gênero, caso que foi roteiro para o filme *A Garota Dinamarquesa* (2015). A lista de exemplos pode se estender, contendo os mais diversos tipos e graus de transformações corporais.

Nesses casos, há uma procura de si mesmo que se impõe, como um imperativo existencial; trata-se de dar uma solução para o sentimento de “não estar bem na própria pele”, na esperança de que tais transformações possam deem a si a possibilidade de ser e viver a partir de si mesmo. Certamente, há uma dissociação entre o corpo como é *visto e experienciado* e o corpo como é *idealizado* (que

consideram mais adequado a si mesmos). Seja como for e em que dimensão for, fenomenologicamente, trata-se de uma empreitada identificatória.

Para compreendermos esse fenômeno, é necessário termos em mente uma teoria e uma descrição fenomenológica do processo que leva à constituição do sujeito psicológico, da constituição do “eu” como algo diferente do outro e dos processos identificatórios (em termos da possibilidade de predicar o “eu”) vividos em relação ao outro e em relação a si mesmo. Tal compreensão poderia explicar como se chega a ser o que se pensa ser, o que se experimenta sendo. Nessa direção, pensando nos fenômenos descritos, surgem perguntas como: “Como se constrói a identidade? O que está sendo encontrado, buscado pelo indivíduo? Com que meios, com que sucessos e fracassos, *quando urge que se tenha outro corpo*?”

Propomos fazer isso tendo como referência e perspectiva de análise, a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, reconhecendo, evidentemente, que a mesma proposta poderia ser desenvolvida de outros pontos de vista (dentro e fora da psicanálise).

Especificidades da teoria psicanalítica do desenvolvimento emocional do ponto de vista de Winnicott

Winnicott procurou fazer uma teoria do desenvolvimento emocional do ser humano focada na questão das relações de dependência e nos diversos processos de integração do *self* (cf. a distinção teórica e descritiva das noções de *self*, *Ego*, *I AM*, *Whole Person*, na obra de Winnicott, em Fulgencio, 2014a), uma teoria que poderia ser nomeada como a do desenvolvimento do *ser*, dado que, no seu modelo ontológico, ele estabelece a necessidade de ser e continuar a ser, como fundamento da própria natureza humana (cf. nestes comentadores, algumas referências à noção de ser na obra de Winnicott: Fulgencio, 2014b, 2016, 2020; Green, 2010; Phillips, 1988; Roussillon, 2009, 2016).

Winnicott centrou seus esforços em descrever como o ser humano segue de sua situação inicial, em que o bebê não se sente diferenciado do ambiente e depende totalmente dele para existir, para uma situação em que o indivíduo conquistou sua diferenciação e suas autonomias *relativas* no que concerne ao mundo e ao outro: trata-se de uma história do desenvolvimento do *self*, que, partindo do estado de não integração e imaturidade (cognitiva e emocional), chega, na saúde, à integração do *self* em termos de ser e apreender-se como uma unidade complexa diferenciada do mundo, com a possibilidade de estabelecer modos de relação com o mundo ou áreas da experiência ou experimentação (mundo externo, interno, bem como uma terceira área entre esses dois mundos ou modos de relacionamento com o mundo), estabelecendo-se e sentindo-se, então, como uma *pessoa inteira* que se relaciona com os outros como pessoas inteiras e que tem, pois, uma identidade.

Para Winnicott, é só a partir da experiência de *ser*, que o *fazer* tem um sentido pessoal (fundamento de todo fazer): “Do ser vem o fazer, mas não pode haver *fazer* antes do *ser*” (1971f, p. 26). Winnicott introduziu na psicanálise a questão do ser, colocando-a como a referência ontológica e ôntica para a compreensão do que é a natureza humana. A sua formulação, que coloca o *ser*, ontológica e empiricamente, em primeiro, como condição para o *fazer*, corresponde à consideração das *condições de possibilidade* para que possam existir relações objetais (e seus corolários *projeção*, *introjeção* e *identificação*).

Com a introdução da questão da experiência de *ser* e de *continuar sendo*, Winnicott deu outro lugar para a vida instintual, para a sexualidade e para o complexo de Édipo. Sem rejeitar sua importância, ele explicitou uma série de acontecimentos e fenômenos da natureza humana que não são redutíveis à

questão da administração da vida instintual nas relações interpessoais. Ele diz, por exemplo, nesse sentido:

Note-se que existe aqui, entre o bebê e sua mãe, um relacionamento vitalmente importante que, no entanto, não deriva da experiência instintiva nem de uma relação objetual baseada na experiência instintiva. Esse relacionamento é anterior à experiência instintiva, paralelo a ela, e entremeado a ela. (1958d, p. 213)

Conjugada à consideração da questão e da experiência de *ser*, Winnicott também propôs, teórica e descritivamente, uma noção de saúde (que não se confunde com a noção de normalidade):

A vida de um indivíduo saudável é caracterizada tanto por medos, sentimentos conflituosos, dúvidas e frustrações como por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que *estão vivendo sua própria vida*, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir o crédito pelo sucesso e a culpa pelas falhas. Em outras palavras, pode-se dizer que o indivíduo passou da dependência para a independência, ou para a autonomia. (1971f, p. 29)

Esses dois polos (ontologia-ser e *telos*-saúde), factuais e conceituais, acrescidos de uma série de outras contribuições (falso e verdadeiro *self*, transicionalidade, mãe suficientemente boa, elaboração imaginativa, ilusão de onipotência, objetos subjetivos etc.) conjugam-se na sua redescritção da teoria do desenvolvimento emocional, de modo que esse desenvolvimento descreve os modos de “ser e estar no mundo”, fazendo-o não tanto em termos das relações de objeto impulsionadas pela vida instintual (ainda que isso não seja desconsiderado), mas distinguindo linhas do desenvolvimento: 1) do estado de não integração inicial para os diversos tipos e graus de integração; 2) da situação de dependência absoluta inicial em relação ao ambiente, para o estado dinâmico da independência relativa do indivíduo em relação ao outro e ao ambiente; 3) do estado de “não ser”, de onde advém o ser, para o estado de ser-no-tempo-com-o-outro etc.

No que se refere especificamente às *fases do desenvolvimento do lactente*, Winnicott distingue, então, três grandes períodos: o da *dependência absoluta*; o da *dependência relativa*; e o *rumo à independência*. Todas essas fases são caracterizadas em função das relações de dependência que esse lactente tem com a mãe e/ou mãe-ambiente, marcando que “Os Bebês humanos não podem começar a *ser* exceto sob certas condições [de dependência]” (1960c, p. 52) e que a dependência é o fato central a ser administrado por toda a existência. Retomando, sinteticamente, como ele caracteriza, nesse texto, essas fases, temos: na fase da *dependência absoluta*, o lactente é imaturo para perceber o ambiente, o cuidado materno, como algo externo, ele pode beneficiar-se ou sofrer da sustentação ambiental, experimentando a continuidade de ser ou o aniquilamento desta; na *dependência relativa*, o lactente começa, pouco a pouco, a se dar conta da existência do ambiente (dos cuidados maternos) como algo que não advém dele mesmo, mas é externo e tem existência fora dele; e na fase *rumo à independência*, o lactente pode, na saúde, apreender a realidade como sendo algo externo a ele, acrescentando-se, aqui, a mente como um modo específico de funcionamento da unidade psicossomática.

Devemos focar nossa atenção nesse processo, para distinguir, por um lado, o processo que leva o bebê de uma situação de imaturidade inicial, em que ele está não integrado, até o momento em que chega a integrar-se numa unidade *eu sou*,¹ distinguindo eu e “não eu”, até chegar a uma integração mais complexa, apreendendo-se e relacionando-se como sendo uma *pessoa inteira*; e, por outro, explicitar

¹ Winnicott, ao referir-se a essa conquista, ressaltando sua importância, grifa-a em letras maiúsculas, EU SOU. Estamos optando, por solicitação da *Revista Estilos*, grafar em letras minúsculas e em itálico *eu sou*, cuidando para seguir os padrões editoriais aqui praticados ao longo de todo o texto, e a grafia em maiúsculas poderia ferir este padrão.

alguns acontecimentos ou dinâmicas relacionais específicas, nas quais se pode compreender modos distintos de viver a experiência de ser.² Podemos agrupar essas duas perspectivas, apontando para os seguintes acontecimentos ou experiências:

1. na fase inicial da vida de bebê (*dependência absoluta*), onde não há, para ele, a distinção de uma realidade “não eu” (Winnicott, 1988, p. 153);
2. o bebê, ao ter suas necessidades atendidas pelo ambiente, vive a experiência de *ser* (a partir de si mesmo, sem que nenhum predicado esteja presente), sem reconhecer que existe um ambiente. Aqui, essa experiência de ser estaria associada ao que Winnicott caracterizou como a relação com o objeto subjetivo;
3. mais à frente, no processo de desenvolvimento, depois de uma série de integrações (em meados da fase da *dependência relativa*), podem surgir os objetos e fenômenos transicionais, ou seja, um determinado modo de relação com a realidade (com certos objetos da realidade externa) que é criado e encontrado pelo indivíduo. Esses objetos são criados e encontrados, ao mesmo tempo que o “si-mesmo” é realizado, numa experiência vivida em termos de *ser-com*. Aqui, essa experiência de ser estaria associada ao que Winnicott caracterizou como a relação com o objeto transicional;
4. ao fim da fase da dependência relativa e início da fase rumo à independência, ocorre a grande conquista integrativa, com a chegada ao *eu sou*, inicialmente expressão de *eu-sou-diferente-de*, estabelecendo o “eu” como uma membrana limitadora (com um dentro e um fora), diferenciando-se de todo o resto; momento no qual o indivíduo estabelece relações do tipo “dois corpos”.³ Aqui, essa experiência de ser estaria associada ao que Winnicott caracterizou como o início das relações com objetos externos propriamente ditos;
5. na fase seguinte, rumo à independência – ou fase do concernimento, também associada ou referida por Winnicott ao que Melanie Klein denominou de posição depressiva – o indivíduo a inicia após a conquista do status integrativo manifestado na expressão *eu sou*. Na continuidade do desenvolvimento emocional, segue-se, então, uma série de outras integrações (dos impulsos amorosos e destrutivos, da vida instintual etc.), aumentando e complexizando a unidade conquistada, chegando à integração nomeada como a de uma *pessoa inteira* (*Whole Person*), podendo apreender a si mesmo e ao outro também como pessoas inteiras e, então, estabelecer relações a três corpos no quadro do cenário edípico. É nesse momento que a sexualidade e o complexo de Édipo (com seu corolário, o complexo de castração) passam a exercer influência mais significativa e organizadora da subjetividade dos indivíduos (momento que se inicia com a possibilidade de relações a três corpos, em que a vida instintual precisa ser administrada nas relações interpessoais). É aqui também, propriamente, que os mecanismos de projeção, introjeção e identificação passam a ser determinantes na construção da identidade do “eu”. Com essa integração, a *pessoa inteira* pode, então, dar-se ou procurar para si um predicado, ou qualificar-se como sendo tal ou qual adjetivo ou substantivo: *eu-sou-x* (sendo *x*, um predicado). Aqui, essa experiência de ser estaria associada ao que Winnicott caracterizou como as relações com objetos externos no seu sentido mais pleno.

² Veja em Fulgencio (2020) uma apresentação mais detalhada desse processo do desenvolvimento da experiência de ser.

³ A discussão sobre relacionamentos a dois corpos e a três corpos tem no texto de Rickman (1951) a sua referência conceitual, também utilizada e citada por Winnicott em dois de seus textos (1958d; 1958g).

Trata-se, pois, na continuidade de nossa análise, de explicitar as diversas maneiras como um indivíduo caminha da situação na qual ele está indiferenciado com o ambiente, não integrado em si mesmo, até a de sentir-se e relacionar-se como uma *pessoa inteira* nas relações interpessoais, acompanhada por diversos modos ou experiências de ser

Essa compreensão do desenvolvimento emocional considera que os processos identitários seguem, pois, uma linha que vai da experiência mais simples e primitiva de todas, a *experiência de ser*; segue na realização dos fenômenos transicionais, num *ser-com*; e prossegue até atingir a primeira alteridade *eu sou*, chegando, ao final desse desenvolvimento identificatório, a ser uma pessoa inteira, que pode ter predicados (*eu sou x*). Sinteticamente, indicamos a sequência de experiências de modos de ser: *sou*, *sou-com*, *eu-sou-diferente-de*, *eu-sou-x*.

Essa compreensão dos modos de experienciar *ser* (que também poder-se-ia expressar como modos de experimentar o *self*) corresponde, por sua vez, a uma descrição expandida daquilo que Thomas Ogden considerou ser o objetivo de uma *psicanálise ontológica*: “o termo ‘psicanálise ontológica’, como o uso, refere-se a uma dimensão da psicanálise na qual o propósito do analista é facilitar os esforços do paciente por tornar-se mais si mesmo” (Ogden, 2020, p. 25). As distinções que fazemos apontam, pois, tanto para uma apreensão mais detalhada dessas experiências de *ser* ou do *self*, quanto a modos de realização do encontro analítico, fundado na relação transferencial. Essa relação entre “modos de experienciar ser” e “modos de realizar a relação transferencial” é importante de ser apontada, ainda que não seja este o objetivo deste artigo.

Modos de se chegar a ou de produzir a integração do *self*

Para Winnicott, a experiência de ser está na base e é, pois, a condição para a constituição de uma identidade pessoal: “É somente sobre uma continuidade no existir que o sentimento do *self*, de sentir-se real, de ser, pode finalmente se estabelecer como uma característica da personalidade do indivíduo” (1971f, p. 23). Essa experiência de ser corresponde àquela que ocorre a partir de si mesmo, como expressão de um gesto espontâneo e/ou criativo, que caracteriza a própria afirmação e o encontro de si mesmo. No início, num momento em que não há ainda, para o bebê, uma realidade “não *self*”, o ambiente adapta-se para atender às suas necessidades, e o bebê tem a experiência de que existe e tem suas necessidades atendidas como se tudo viesse dele mesmo, fornecendo uma experiência de ser advinda de seu gesto, e não tanto dos objetos que cria-encontra com a sustentação do ambiente (seus objetos subjetivos), obtendo a experiência de ser pela sustentação ambiental, ou seja, a experiência de ser é garantida e sustentada pelo ambiente. No que se refere à experiência de ser, como a mais simples de todas as experiências, ele diz:

No crescimento do bebê humano, na medida em que o ego começa a se organizar, isto que estou chamando de relacionamento objetal do elemento feminino puro estabelece o que talvez seja a mais simples de todas as experiências, a experiência de *ser*. Aqui encontramos a verdadeira continuidade de gerações, sendo esta o que é passado de uma geração para a outra, através do elemento feminino de homens e mulheres e dos bebês do sexo masculino e feminino. (1971va, p. 140)

Essa experiência de ser, propiciada pela sustentação ambiental, também está associada ao processo no qual a elaboração imaginativa das funções corporais dá sentidos às experiências existenciais, contribuindo e sendo a base da integração entre o que ocorre no corpo e os sentidos que são dados a esses acontecimentos, processo que Winnicott denomina de alojamento da psique no corpo ou, ainda,

processo de personalização. A elaboração imaginativa dá *sentido* às experiências existenciais: primeiro, aos acontecimentos corporais, num momento em que o mundo psíquico e o mundo somático são, por assim dizer, um só; depois, a elaboração imaginativa torna-se cada vez mais um processo complexo e multifacetado, de modo que, no percorrer do desenvolvimento, sonhar, desejar e outros processos análogos correspondem também a formas mais ricas de elaboração imaginativa. Ao dar sentido aos acontecimentos corporais (ao *soma*) também ocorre uma associação indissociável entre a psique e o soma, constituindo a unidade psicossomática que, por sua vez, corresponderá à própria experiência de ser si mesmo como pessoa em função da unidade psicossomática.

Nesse mesmo contexto, Winnicott, aponta, ainda, para dois aspectos ou dinâmicas gerais que também seriam responsáveis por produzir experiências de integração: uma que viria *de fora*, gerando o sentimento de si mesmo, o *holding* materno (ou do ambiente), que, adaptando-se às necessidades do bebê, torna possível que experimente o sentimento da continuidade de ser; e, outra, que viria *de dentro*, advindo de intensas excitações corporais e, nessa mesma direção, poder-se-ia afirmar, também da experiência da dor. Diz Winnicott:

A tendência a integrar-se é ajudada por dois conjuntos de experiências: a técnica de cuidados com o bebê pela qual o bebê é mantido aquecido, manuseado e banhado e ninado e chamado pelo nome, e também as agudas experiências instintivas que tendem a aglutinar a personalidade a partir de dentro. (1945d, p. 289)

Nas transformações corporais que estamos analisando, não é desprezível a experiência que essas pessoas têm com a dor (como um tipo de excitação aguda) e, talvez, esse seja um elemento dinâmico importante que acompanha a busca e o sentimento de estar integrado (ou ter chegado) a si mesmo.

Retomando o percurso do processo de desenvolvimento das experiências, focado na explicitação dos modos de experienciar *ser* ou experienciar o *self*, modos que são cada vez mais elaborados, a criança começa a sair da sua realidade, apenas *subjativa*, em direção ao reconhecimento da realidade externa compartilhada que difere da sua realidade interna, a chamada realidade *objetiva*. Quando chega a poder relacionar-se com uma realidade apreendida como externa a si mesmo, já ocorreu a distinção entre o *eu* e o “*não eu*”, o *eu* e o *outro*. Mas, entre um momento e outro, entre o modo de relação com a realidade subjativa e o modo de relação com a realidade objetiva, a criança vive um modo de ser e estar no mundo que está entre uma coisa e outra, ou seja, um modo *transicional* de ser-estar e de relacionar-se. Na dinâmica relacional que caracteriza a transicionalidade, o *self* cria e encontra os objetos com os quais se relaciona e, ao fazer essa criação-encontro, ele também cria e encontra a si mesmo. Os fenômenos transicionais correspondem e têm a mesma dinâmica da ação de *brincar*, que é, para Winnicott, um dos fenômenos estruturantes da vida pessoal e relacional do ser humano, levando-o, naturalmente, a descobrir o próprio *self* (1971r, pp. 92-93) e os relacionamentos grupais (1968i, p. 74).

Aqui, a experiência de ser está conjugada com o encontro de algo que não é o ser; trata-se de um ser-com, no qual o indivíduo e o outro (o objeto) estão juntos e separados. A expansão desse modo de relação com os objetos, bem como desse modo de relação com a realidade, corresponde, para Winnicott, àquilo que leva ou impulsiona o homem para o mundo da cultura, dando a ele uma realidade compartilhada, na qual ele tem um *lugar para viver*, ou seja, é encontrando a si mesmo na vivência da realidade compartilhada, vivência dos fenômenos transicionais, que o indivíduo também encontra o outro, obtendo desse *lugar* tanto identidade quanto alteridade. A ilusão de contato, de partilhar o mesmo mundo, como expansão dos fenômenos transicionais e da atividade do brincar, levando o indivíduo a um lugar social no qual ele partilha o mundo com os outros, corresponde a mais uma modalidade da experiência de ser, um ser-com, que fornece o “si-mesmo” e o outro.

Os fenômenos transicionais, assim colocados em evidência por Winnicott, são também, para ele, o impulso que leva o homem à sua vida cultural, dado que brincar leva ao encontro de si mesmo e do outro. A ação de *brincar-com* corresponde à constituição de um espaço compartilhado, no qual o indivíduo experiencia a si mesmo (encontra a si mesmo) na sua relação consigo e com o outro. A experiência cultural corresponde, pois, à expansão da área da brincadeira, área da ilusão de contato e da comunicação, ou seja, área dos fenômenos transicionais (esta terceira área da experiência corresponde também à experiência de ser-no-mundo, ser ao mesmo tempo integrado e diferenciado do mundo, fundamento do encontro de si mesmo e da vida social e, portanto, base e fundamento para o encontro e a constituição do *self*). Ela corresponde, pois, a uma vivência que pode fornecer algo da experiência de ser “si-mesmo” em conjunto com a experiência de compartilhar esse modo de ser com os outros (como um tipo de reconhecimento social). Aqui também a experiência de ser si mesmo (como processo identitário) não é caracterizável em função de algum predicado de si mesmo.

Com essas experiências de *ser* sem predicado e de *ser-com*, o indivíduo caminha, no seu desenvolvimento, na saúde, para a conquista de um modo de ser-estar-no-mundo que diferencia o *eu* do que é *não-eu*, inicialmente num quadro de uma relação dual ou a dois corpos, possibilitando a experiência *eu-sou-diferente-de*. Na continuidade desse desenvolvimento, ocorrerá uma outra série de outras integrações (dos impulsos amorosos e destrutivos, da vida instintual etc., todos compondo o *self* e expandindo-o) que levarão o indivíduo à conquista de outra forma mais complexa e integrada de ser no mundo, consigo mesmo e com os outros: a de ser uma *pessoa inteira* (*Whole Person*), nova integração ou unidade que se relaciona com os outros como pessoas inteiras (no quadro de uma relação triádica ou a três corpos, num cenário edípico). É como pessoa inteira que o indivíduo terá de administrar a sua vida instintual (sexual ou pulsional) nas relações interpessoais. Esse tipo de experiência pessoal e relacional torna possível ao “eu” predicar a si mesmo, o que nos faz caracterizar esse tipo de experiência de ser como a de *ser-predicável* (*eu sou x*).

Defende-se, aqui, que é somente nessa última fase que a apreensão e a constituição da identidade, pelo indivíduo, são animadas por processos projetivos, introjetivos e identificatórios, nos quais um possível predicado pode dar uma identidade ao *eu sou*. É, pois, nesse momento que poderíamos caracterizar as experiências de ser como também sendo realizadas nas relações com os predicados do ser. No entanto, diz Winnicott, é a experiência inicial (de SER) que “forma a única base para a autodescoberta e o senso de existir (e, depois, à capacidade de desenvolver uma parte interna, ser um continente, ter uma capacidade de utilizar os mecanismos de projeção e introjeção e relacionar-se com o mundo em termos de introjeção e projeção)” (WINNICOTT, 1971va, p. 142).

Todas essas dinâmicas se conjugam, ainda, com a ideia ou experiência de que a identidade (ou o sentimento de ser real e ter um lugar para viver) também pode se relacionar com um predicado aplicável ao sujeito, ainda que, em termos gerais, a experiência e o sentimento de ser, no seu fundamento, não seja predicável: a experiência de ser não pode advir de um predicado ou imago fornecidos ou impostos ao sujeito psicológico. Diz Winnicott, nesse sentido: “O *self* realmente não pode ser encontrado naquilo que se cria a partir de produtos do corpo ou da mente [*aqui, no caso das transformações sobre o próprio corpo, este é considerado como um produto*], por mais relevantes que esses constructos possam ser do ponto de vista estético, técnico ou do impacto que causam” (1971r, p. 93).

Análise do problema das transformações corporais radicais como busca de si mesmo: a questão da predicação do *self*

O sentimento de ser “si-mesmo”, de ter uma vida real, de ter uma identidade psicossomática harmônica com um modo de ser no mundo pode ser, evidentemente, realizada de muitas maneiras. Uma delas, no entanto, objeto de análise desse artigo, é quando essa busca de si mesmo está associada à necessidade de realizar marcas ou transformações no corpo, mais ou menos amplas. Trata-se de buscar a si mesmo na experiência com o próprio corpo.

Nos casos em que há uma busca por um “outro corpo”, evidentemente, há uma questão dissonante da pareceria psicossomática, uma cisão entre o corpo que se tem e a apreensão que se tem de si mesmo, o que pode ser formulado em termos de uma procura de si mesmo ou, em termos de procura de uma identidade, uma identidade (igualdade) entre o sentimento de si e o sentimento do corpo que se tem. Defendemos a hipótese de que, nesses casos em que um indivíduo procura impor uma forma ou marca corporal a si mesmo, uma *imago-realizada-no-corpo*, que se sobrepõe ao corpo que se tem (gato, zumbi, vampiro etc.) – como uma colagem que toca as entranhas do ser –, há uma busca pelo sentimento de ser “si-mesmo”, busca que mescla os diversos tipos de experiências (ou soluções) que fornecem, empiricamente, esse sentimento ao indivíduo ao longo do processo de desenvolvimento.

Trata-se de considerar que, nesses casos, ocorreram dissonâncias significativas na associação entre o sentimento de ser e o sentimento do próprio corpo, nas fases mais primitivas do desenvolvimento. Por um lado, temos a tendência em supor que ocorreram falhas ambientais primitivas no processo de desenvolvimento (falhas num momento em que o sentimento e a experiência de *ser* não estão atrelados a um predicado para o ser), perturbações que o indivíduo procura sanar impondo a si um predicado, ou seja, utilizando uma solução que diz respeito ao que ocorre numa fase em que o indivíduo, já integrado na condição de uma pessoa inteira, procura sua identidade num processo de identificação com uma determinada figura ou *imago* externa. Por outro, pode ter ocorrido outro tipo de situação na qual não houve propriamente uma falha (falta de sustentação ambiental), mas, sim, uma cisão ou dissonância entre o modo como se foi cuidado e a experiência que o indivíduo tem de si mesmo, por exemplo, no caso analisado por Winnicott em *Holding e Interpretação* (1986a), em que o menino foi cuidado como menina, e “ser menina” era sua opção para ser para a mãe.

A questão que nos parece dever ser colocada é a de saber em que sentido e com que eficiência o processo de modificação corporal, com a chegada num predicado para o ser, pode dar uma resposta positiva para o que buscam essas pessoas, dado que algo *parece* ser encontrado nessas transformações, ainda que o que parece ser encontrado (como conquista e realização, como atingindo o que se busca na fantasia e na expectativa do resultado afetivo dessas transformações) se mostre, na maior parte dos casos, pouco duradouro. Consideramos que as pessoas que buscam e realizam transformações corporais radicais buscam encontrar, efetivamente, experiências que fornecem algo que realiza um sentimento de ser si-mesmo, algo de sua procura por um lugar para viver e por uma identidade, ainda que a solução procurada possa ser parcial, ou mesmo incompleta. A avaliação da medida, ou em que medida essas transformações fornecem alguma coisa do que é procurado, depende muito mais dos processos aí envolvidos (a dor, o compartilhar social como passível de ser experimentado num espaço potencial compartilhado, a realização da fantasia que o acompanha etc.) do que do predicado adquirido.

O processo de constituição da identidade é longo e composto por diversas fases e dinâmicas inter-relacionais, o que nos faz considerar que a maneira como a criança ou o adolescente avaliam suas identidades corresponde a visões parciais de um processo em andamento, não só porque o processo está inacabado, mas também porque a criança e o adolescente ainda não têm as condições afetivas e cognitivas para ter uma visão global integrada da situação em que estão, e isso sem que seja necessário

considerar que a situação de dependência infantil (adolescente incluso) é extremamente suscetível às opiniões e aos desejos dos adultos. Crianças e adolescente experimentam modos de ser e estar no mundo, onde a realidade e a fantasia estão claramente misturadas, como ocorre de maneira mais nítida nas brincadeiras infantis e no *faz de conta* das crianças, quando elas experimentam ser super-heróis e todos os tipos de *faz de conta* identitários. Na infância, quando a personalidade ainda está em fase de construção, temos de levar em conta essa imaturidade e a consideração de que estamos num processo em andamento. Se isso for levado em conta, fica evidente que as intervenções precoces, como a de mudança de gênero infantil (inclusive com a aplicação de medicações e, até mesmo, cirurgias) correspondem a um erro, talvez atendendo muito mais aos desejos e expectativas dos pais ou cuidadores (que, certamente, intervêm na apreensão que a criança tem de si mesma, do seu corpo, da sua realidade, da realidade social etc.). Estão nesse mesmo cenário outras transformações corporais mais extensas, como amplas tatuagens e outras alterações corporais. Não entra aqui em conta moralismo algum; trata-se, mais, e uma *questão ética-científica*... é como se fosse proposta fazer dentaduras fixas (inclusive com a possibilidade de fazerem cirurgias e implantes) para as crianças porque os dentes de leite estão caindo (desconhecendo que haveria um processo em andamento para o surgimento de uma nova dentição)!

Há um aspecto do objetivo dessas pessoas que, já adultas, fazem transformações corporais extremas, não negligenciáveis, que se refere ao fato de que a utilização dessas transformações corporais também corresponde a um modo de expressão e imposição ao mundo como reação contra as violências e os traumas sofridos, um tipo de denúncia ou expressão de seus sofrimentos, uma objetificação e materialização de suas dores. Note-se, por exemplo, nesse sentido, como Maria José Cristerna (2011), a “Mulher-Vampiro”, concebe suas transformações corporais como uma maneira de “denunciar” a violência doméstica que sofreu durante dez anos em seu primeiro casamento, considerando, então, a tatuagem e suas transformações corporais como uma forma de libertação de si mesma.

Considerações finais

Ao final de nossa análise, acreditamos poder afirmar que as transformações corporais, que colocamos em evidência, estão relacionadas a uma *busca de si mesmo*. Caberia, então, avaliar, em cada caso, em que medida essas soluções (transformações corporais) atendem ou atenderam à busca dessas pessoas – de forma mais ou menos parcial, mais ou menos duradoura – e em que medida elas fracassam, dado que, por um lado, um predicado jamais pode dar ao indivíduo o sentimento de *ser*, mas, por outro, há algumas experiências de ser acima descritas que podem fornecer algo de si mesmo. Estamos apontando para as transformações corporais como uma tentativa ou busca pelo sentimento identitário, uma busca de si mesmo, mas sabemos que muitas dessas soluções (transformando o corpo) correspondem muito mais a uma tentativa que obtém resultados parciais, e não propriamente uma integração psicossomática harmoniosa, dado que esse novo corpo é muito mais um predicado do *self* do que o próprio *self*.

Podemos considerar, com esse percurso argumentativo analítico construído na comunhão da teoria do desenvolvimento emocional (do ponto de vista de Winnicott e sua ontologia centrada na necessidade de ser e continuar a ser), com acontecimentos apreendidos da realidade social compartilhada – num trabalho de psicanálise aplicada –, que a construção da identidade e o sentimento de apreender-se como tendo uma, pode ser entendido em função das diversas experiências cumulativas de ser si mesmo, reconhecidas no processo de desenvolvimento emocional (expressas sinteticamente nos termos: sou, sou-com, sou-diferente-de, sou-predicável ou eu-sou-x) e presentes ao longo de toda a vida.

Sabemos, no entanto, que esse problema (a identidade e a apreensão de si mesmo como reconhecendo-se numa identidade) – num certo sentido, nem é um problema pertinente ao campo da psicanálise, dado que nossa identidade seria apenas o resultado dinâmico do jogo de relações entre os diversos sistemas que compõem a vida psíquica – acaba por referir-se a um conjunto amplo de determinantes advindos de diferentes perspectivas e paradigmas dedicados à compreensão de como o homem apreende a si mesmo (como as diversas perspectivas filosóficas, antropológicas, históricas, biológicas, etológicas, sociopolítico-culturais etc.) e que a nossa proposta corresponde a uma das perspectivas teórico-clínicas possíveis e, ainda assim, mesmo dentro da própria teoria psicanalítica, deveria ser articulada a outros processos (os diversos processos referidos ao modo de adentrar e viver a triangulação edípica, a relação primordial com a mãe, o lugar do pai nesse processo, os diversos modos de expressar amor e gratidão tanto em termos positivos como reativos, a compreensão de ações cujo objetivo é agredir seja a si mesmo seja o outro etc.).

Feitas essas considerações e relativizações finais, podemos retomar a perspectiva do desenvolvimento dos diversos modos de experienciar a si mesmo reafirmando-a como uma útil para a compreensão teórico-desenvolvimentista e clínica da questão da busca e encontro de si mesmo e do problema do reconhecimento identitário de si mesmo, às vezes levando à busca desse sentimento na transformação, mais ou menos intensa, do próprio corpo. Mais ainda, que essas experiências de ser “si-mesmo” também descrevem modos de relacionar-se que também são revividos nos processos psicoterápicos psicanalíticos, especificando dinâmicas relacionais e diferenciando modos de viver e manejar o encontro analítico, modos de viver e manejar a transferência, colaborando para o processo de encontro e integração de si mesmo, que, por sua vez, diz respeito ao fenômeno da apreensão, construção e necessidade (mais ou menos intensa, podendo ou não ser uma questão existencial) de apreender-se ou reconhecer-se em função de uma identidade específica.

Referências

- Avner, D. (Producer). (2008). *Interview with Dennis Avner the Catman*.
- Bourdin, D. (2019). L’identité en psychanalyse? *Revue Française de Psychanalyse*, 83(2), pp. 347-365.
- Cristerna, M. J. (Producer). (2011). *Interview with Maria Jose Cristerna, the Vampire Woman*.
- Fulgencio, L. (2014a). Aspectos diferenciais da noção de ego e de self na obra de Winnicott. *Estilos da Clínica*, 19(1), pp. 183-198.
- Fulgencio, L. (2014b). A necessidade de ser como fundamento do modelo ontológico do homem para Winnicott. In *A fabricação do humano* (pp. 145-159). Zagodoni.
- Fulgencio, L. (2016). *Por que Winnicott?* Zagodoni.
- Fulgencio, L. (2020). *Psicanálise do Ser. A Teoria Winnicottiana do Desenvolvimento Emocional como uma Psicologia de Base Fenomenológica*. EDUSP-FAPESP.
- Genest, R. (Producer). (2012). *Interview with Rick Genest, the Zombie Boy*.
- Green, A. (2010). Sources and vicissitudes of being in Winnicott’s work. *Psychoanalytic Quarterly*, 79(1), pp. 11-35.
- Leppard, T. (Producer). (2006). *Interview with Tom Leppard, the Leopard Man*.
- Ogden, T. H. (2020). Psicanálise ontológica ou “O que você quer ser quando crescer?”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), pp. 23-46.

- Oppenheimer, A. S. (2002). Identité. In A. d. Mijolla (Ed.), *Dictionnaire International de Psychanalyse*. Calmann Levy.
- Phillips, A. (1988). *Winnicott*. Ideias & Letras, 2007.
- Rich, L. D. (Producer). (2007). *Interview with Lucky Diamond Rich, World's Most Tattooed Man*.
- Rickman, J. (1951). Number and the Humam Science. *Psycho-Analysis and Culture*, pp. 150-155.
- Roussillon, R. (2009). Transitionnel et réflexivité. *Les Lettres de La Société de Psychanalyse Freudienne, Winnicott, un psychanalyste dans notre temps* (21), pp. 123-140.
- Roussillon, R. (2016). Pour une métapsychologie de la créativité chez D. W. Winnicott. *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 2(5), pp. 159-179.
- Sprague, E. (Producer). (2012). *Interview with Erik Sprague, the Lizard Man*.
- Winnicott, D. W. (1945d). Desenvolvimento Emocional Primitivo. In *Da Pediatria à Psicanálise* (pp. 281-299). UBU, 2021.
- Winnicott, D. W. (1958d). Ansiedade associada à insegurança. In *Da Pediatria à Psicanálise* (pp. 212-217). UBU, 2021.
- Winnicott, D. W. (1958g). A capacidade de ficar sozinho. In *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador* (pp. 34-43). UBU, 2022
- Winnicott, D. W. (1960c). Teoria do relacionamento pais-bebê. In *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador* (pp. 44-69). UBU, 2022.
- Winnicott, D. W. (1968i). O Brincar: proposição teórica. In *O Brincar e a Realidade* (pp. 69-90). UBU, 2019.
- Winnicott, D. W. (1971f). O Conceito de Indivíduo Saudável. In *Tudo Começa em Casa* (pp. 21-42). UBU, 2021.
- Winnicott, D. W. (1971r). O Brincar: atividade criativa e a busca do self. In *O brincar e a realidade* (pp. 91-107). UBU, 2019.
- Winnicott, D. W. (1971va). Os elementos masculinos e femininos ex-cindidos [*split-off*] encontrados em homens e mulheres. In *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 134-144). Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D. W. (1991). *Holding e Interpretação*. Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1988). *Natureza humana*. Imago, 1990.

Revisão gramatical: Ana Lúcia dos Santos
E-mail: analubbella@hotmail.com

Recebido em outubro de 2022 – Aceito em junho de 2023.